



O TEMPO DO SACERDOTE É DOS OUTROS

HOMILIA NA QUINTA-FEIRA SANTA

02 Abril 2015 – Sé Catedral – 10h

Mesmo alertado para um pessimismo na leitura da realidade, creio que somos unânimes em reconhecer que algumas franjas da sociedade apresentam um rosto de tristeza e, muitas vezes, de verdadeira aflição. Todos nós conhecemos situações dramáticas por razões estruturais. O desemprego impede uma vida com qualidade, a instabilidade familiar cria situações de sofrimento, a pobreza cresce com artifícios para camuflar a vergonha, a exclusão social origina vidas sem sentido, a ânsia do gozo imediato suscita frustrações, ilusões e outras situações complexas. Cenários motivados por questões estruturantes em **tempos de crise e de indiferença**.

É neste mundo intrincado, onde por vezes não se vislumbram hipóteses de saída, que vivemos o nosso sacerdócio. Seria, todavia, pedante da nossa parte pensar que estamos em condições de resolver todos estes problemas. Do mesmo modo como seria irrealista supor que um mundo envolto pela presença de Deus significaria, sem mais, um mundo pacífico e humanizado. O livro do *Genesis* é límpido ao mostrar que nem o «espírito de Deus que se movia sobre as águas» (Gn 1, 2) nem um jardim com a «árvore da sabedoria» (cf. Gn 3, 4-5) impediu que o mal semeasse a dúvida fratricida do «acaso serei eu guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9).

Como escreveu Simone Weil, «nada no mundo pode impedir o homem de se sentir nascido para liberdade» (*Opressão e Liberdade*). Nem Deus pode, nem quer, subtrair ao Homem a liberdade que Ele próprio lhe concedeu como dom ao sexto dia da criação.

Mas, e importa que nunca o esqueçamos, a acção de Deus dá-se no mundo segundo o princípio da solidariedade. O Homem toma parte da acção divina de curar e santificar a realidade humana. A primeira leitura, do livro de *Isaiás*, recorda-nos precisamente que o sacerdote é ungido por Deus para derramar a Sua graça sanante. «O Senhor me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos infelizes, a curar os corações atribulados, a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros, a proclamar o ano da graça do Senhor» (cf. Is 61, 1). Vocação maravilhosa! Não está no poder ou no reconhecimento. Dá alegria quando assimilamos o mundo com os seus problemas sem nunca nos deixarmos possuir por ele. Trata-se de caminhar talvez contra-corrente, ao encontro de tudo o que é verdadeiramente humano e colocar sempre a luz da esperança.



No espírito do nosso ano pastoral, particularmente dedicado às Obras de Misericórdia, gostaria que os presbíteros da nossa Arquidiocese assumissem para si a tarefa de derramar o «óleo da alegria» **dando de beber a quem tem sede e consolando os tristes.**

O que nos pedem estas duas obras de misericórdia? Cada um deve extrair interpelações para si. Partilho apenas algumas observações. O verbo **consolar**, *parakaleîn*, significa em primeiro lugar «chamar para junto de si», «mandar chamar» e só depois «exortar» e «consolar». Pela consolação, procura criar-se proximidade, quebrar as barreiras da indiferença e afastamento, procura dizer-se «estou aqui ao teu lado». Consolar não é, portanto, dizer que está ou que ficará tudo bem. Consolar é *sofrer-com*, assumir visceralmente os dramas humanos, sem refúgios, em atitude de verdadeira identificação com a pessoa, para depois, em conjunto, desvendarem-se sinais de recomeço e compromissos de entreaajuda.

E quantos dramas ou tristezas, algumas de difícil percepção, habitam as nossas comunidades: a realidade da morte de alguém com o luto a invadir o seu interior, o sofrimento físico ou espiritual que nem sempre mostra as lágrimas, o flagelo da solidão muito marcante na velhice, o *bullying* juvenil, os dramas interiores de filhos perdidos em caminhos duvidosos, os compromissos económicos que sufocam o sossego diário, a amargura de uma vida matrimonial destruída. São muitos os corações aflitos e tristes que batem às nossas portas ou existem nas nossas comunidades.

Como pode o sacerdote consolar os tristes? Creio que o poderá fazer oferecendo algo tão precioso quanto raro: o seu tempo. O presbítero deve encontrar tempo para estar com as pessoas, tempo para ouvir, emocionar-se, tempo para percorrer as ruas e entrar nas casas, tempo para conhecer a vida através da escuta demorada e sem a preocupação de respostas imediatas. As situações de luto com as quais lidamos permanentemente são, a título de exemplo, campo fértil para se promover um olhar cristão sobre a realidade. Não será grande a tristeza de quem é incapaz de compreender o mistério da morte?

Estou convencido, por outro lado, que a generalidade das pessoas tem sede de sentido e de inteligibilidade para tantas questões que povoam o seu espírito. Sem desconsiderar ou desvalorizar o ateísmo, a sede de sentido é uma sede de Deus. Diz o Slm 42, «A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo! Quando poderei contemplar a face de Deus?». E continua «a minha alma está abatida: por isso, penso muito em ti» (Slm 42, 7). Consolar os tristes é falar-



lhes de Deus pela Palavra meditada e aprofundada teologicamente e pelo testemunho silencioso da fé, pessoal e comprometida, que marca todo o nosso existir. Decerto alguns poderão dizer que isto é um aproveitamento da fragilidade, espiritualidade evasiva ou até um *placebo* existencial. Mas dar água a quem tem sede é adiar a morte ou restituir-lhe a vida?

Esta sede de Deus, de tipo espiritual, não deve distrair-nos da necessidade de, materialmente, dar de beber a quem tem sede e de comer a quem tem fome. Sei que é tarefa ingente e demasiado grande para respondermos sozinhos. Mas não temos de o fazer dessa forma. Creio, por isso, que é fundamental, este ano, revitalizarmos os grupos sócio-caritativos nas paróquias. Reconheço o profissionalismo dos centros sociais e o serviço de verdadeira caridade. Mas estes não esgotam a dimensão caritativa da Igreja. Como bem recordou Bento XVI na encíclica *Deus caritas est*, a «caridade cristã é, em primeiro lugar, simplesmente a resposta àquilo que, numa determinada situação, constitui a necessidade imediata» (n. 31). A imediatez nas respostas é quotidiana e exige, muitas vezes, agilidade na acção. Serão as IPSS, atendendo ao seu peso institucional, capazes de oferecer uma resposta adequada? Não haverá muita necessidade para além das paredes dessas instituições?

Creio, por isso mesmo, que este é o tempo de suscitar um novo voluntariado cristão. Um voluntariado organizado, eficaz, que se prolongue no tempo, e que seja a diaconia da Igreja em alerta permanente. As comunidades devem ser capazes de ouvir o grito do povo para a todos oferecerem o abraço de Deus. Há muitos leigos com tempo e capacidade. Confiemos e mostremos, concretamente, a alegria de ser comunidade corresponsável.

Queremos que a fé se expresse na caridade como tarefa de todos os cristãos. O povo aprenderá com os gestos do sacerdote, alguém que sabe encontrar tempo para estar consigo e com Deus. Mas que também reconhece que o amor não é mera consolação interior, mas sim algo que inquieta e obriga a estar fora numa atenção de dedicação permanente sem nunca se cansar de ser tudo para todos. A fé do sacerdote passa por um amor alegre e sem barreiras. Assim o consigamos testemunhar.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*